



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: O IMPACTO DO PENSAMENTO NARRATIVO E CIENTIFICO NO ENSINO APRENDIZAGEM

Mariana Pricilia de Assis¹; Maria Aparecida Gomes Barbosa²

¹Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), marianasonhadora@hotmail.com

²Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), cidaufpe@yahoo.com.br

Resumo: Este estudo apresenta o impacto da disciplina de Psicologia da Educação direcionada ao curso de formação de Geografia. Este artigo pretende apresentar os dois modos como os jovens contemporâneos geram e organizam o conhecimento. É nesta concepção, que há dois sujeitos que estão inseridos na docência universitária, o narrativo que mobiliza o pensamento narrativo, e o cartesiano mobilizando o pensamento científico. Os dois modos revolucionam a estrutura da mente dos sujeitos cognitivos. Foi feita uma pesquisa com os estudantes de licenciatura em Geografia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Pau dos Ferros. Constata-se através dos textos que os modos de pensamento dão-se circunstancialmente no seu cotidiano. Os resultados deste estudo revelam que a cultura da era moderna disponibiliza instrumentos aos educadores para que haja mudança no ato de educar e formar os futuros professores. Em contrapartida, a docência universitária insiste em não reconhecer os espaços sociais superestimulantes aos quais os jovens anseiam, retrocede à era contemporânea, formando sujeitos que não atendem às expectativas que a sociedade os impõe, os conteúdos são memorizados, cristalizados com padrões de linearidade, há uma carência na docência no fomento da auto estima dos discentes. É imprescindível que o currículo seja reformulado para que se adapte à era da contemporaneidade, pois caso contrário, continuará o fracasso escolar do ensino básico ao superior no processo de ensino/aprendizagem.

Palavras-chave: Pensamento narrativo, pensamento científico, cultura.

1. INTRODUÇÃO

Durante as aulas da disciplina Psicologia da Educação na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus de Pau dos Ferros (UERN/CAMEAM), fomos inspirados pela professora a fazermos uma reflexão crítica, com questionamentos imprescindíveis para o futuro professor, entre eles foram: “Qual a importância da educação na vida do indivíduo?”, “Qual o seu papel no contexto social na cultura contemporânea?”, “Como os indivíduos organizam e gerem o conhecimento?”.

Diante destes questionamentos, percebemos que tínhamos perguntas ‘secretas’, ou seja, questionamentos que não pensávamos sequer em fazer a nós mesmos, quiçá refletirmos sobre eles, no entanto, fomos instigados pela disciplina e pela professora a buscarmos respostas. Dentre essas indagações surgiram: Qual o motivo de estarmos nos formando



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

educadores? Para contribuir em formar seres pensantes e falantes? Como formar cidadãos críticos? Mas, como? Se somos formados no modelo da corrente positivista? E se a universidade faz de conta não estamos numa era digital? Se não reconhece a nós, jovens da atualidade, como sujeitos multifocados?

Os resultados de cada aula eram o diálogo constante entre os universitários e a educadora, o que nos proporcionou uma didática inovadora, pois a avaliação não era de memorização de conteúdo, mas participação proativa dos discentes, diante dos conteúdos disciplinares.

Em um ambiente tão estático quanto a universidade, com práticas pedagógicas tradicionais, métodos cristalizados, ao nos depararmos diante da aula inovadora, nos deixou extasiados, quanto à valorização e à inserção da opinião do discente no ambiente acadêmico.

Entre várias leituras, houve uma obra que nos motivou como futuros professores: *Cultura e Educação*, de Bruner (2001), que aborda a importância do educador de possibilitar o fomento da auto estima dos alunos, através da ação e a estima, sendo centrais na construção do si mesmo, dessa forma, qual quer prática pedagógica que exclua esses aparatos essenciais, falha no principal objetivo e função da educação. Impactou-me a sair do comodismo e perceber como através de uma ação do professor pode mudar a vida do aluno.

É nesta concepção que descobrimos que existem dois modos de pensamento, o narrativo e o científico. O primeiro é o sujeito narrativo que é movido pelo modo de ensinar e aprender, com os subsídios do presente das (tecnologias *mobiles*). O segundo é o sujeito cartesiano, que predomina no passado e retrocede o momento do contexto social contemporâneo, defende a produção do conhecimento linear, apenas por tecnologias (estáticas). Porém, segundo Vygotsky (1991, *apud* FURTADO e TEIXEIRA, 1999), há três elementos imprescindíveis: histórico, instrumental relacionado com os instrumentos culturais, que expande os poderes do indivíduo e a estrutura do pensamento, assim o sujeito interage no meio social e faz uma ação com significado partilhado.

Este estudo tem como objetivo propor uma reflexão crítica de como os jovens organizam e gerem o conhecimento. Partimos do pressuposto da importância do pensamento narrativo e científico, impactando no modo como os sujeitos na contemporaneidade, interpretam o mundo, e a si mesmo. E a importância de quebrar paradigmas que se encontra a décadas na docência universitária, que retrocede a era em que vivenciamos, com constantes mudanças na produção do conhecimento.

2. METODOLOGIA

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O caminho metodológico que norteou este estudo fundamentou segundo Oliveira (2011), a interatividade da percepção com os participantes, examinando-se com os sujeitos informantes, como os mesmos encaram as questões que estão sendo trabalhadas, há o contato direto do pesquisado com o ambiente e os sujeitos. Utilizou-se também, segundo Lakatos (2010), fontes bibliográficas relacionadas com o tema de estudo como dissertação, artigos e obras de autores.

Análise dos dados

A seleção dos textos analisados neste estudo foi dos alunos do curso de Geografia na UERN/CAMEAM, sendo escolhidos dois textos dentre oito produções reflexivas, cuja temática tratava justamente dos dois modos de pensamento narrativo e científico. O objetivo do teste avaliativo norteou-se avaliando como os sujeitos mobilizavam o modo de pensamento narrativo, e científico diante da cultura contemporânea.

O campo da pesquisa foi na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, situada no Alto Oeste Potiguar. As redações foram resultadas de um teste avaliativo da disciplina de Psicologia da Educação.

3. RESULTADOS

Após este estudo os resultados obtidos, foram que a cultura contemporânea disponibiliza instrumentos que molda a mente do indivíduo, fazendo-os a serem sujeitos narrativos e cartesianos, o primeiro interpreta o contexto social no presente, e busca diversas alternativas para a produção do conhecimento, a mente é aberta, rompe o paradigma da linearidade. O modo narrativo não dá importância ao futuro, não insere o passado com grandes expectativas, pois valoriza a vivência experiencial do momento narrativo do presente, assim revoluciona o ato de educar/aprender.

É nesta concepção que a realidade cultural contemporânea é dinâmica, com proatividade dos sujeitos, assim, possibilita que tenham autoria, na busca por informações autônoma, a descoberta do novo, as ações narrativas experienciais são exercidas sobre o mundo, o perfil e comportamentos dos alunos/universitários foram modificados pela inovação da cultura.

Em contrapartida, o sujeito cartesiano mobiliza outro modo de instrumentos, há uma importância de acordos normatizados e a linearidade.

É nesta perspectiva, que o sujeito mobiliza o pensamento narrativo e científico, mas o que impulsionará a mobilizarem um e outro,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

é a situação de experiência no contexto, dessa forma, há dois modos de pensar e agir na realidade imediata, mas a docência universitária insiste em proclamar que o sujeito cartesiano (e o pensamento científico) é o único verdadeiro e adequado, fato esse que gera o fracasso na formação dos futuros professores e conseqüentemente dos seus alunos, que continuarão a ser educados pelo método cartesiano, advindo da reprodução cultural, retorcendo à era contemporânea, gerando o insucesso tanto profissional quanto humano, por não atender as expectativas que a sociedade exige: sujeitos dinâmicos, interativos e o principal informacional, uma mente aberta a inovar na construção do conhecimento.

Consta-se outra lacuna neste estudo, a deficiência do professorado em fomentar a auto estima dos discentes que estão inseridos no universo acadêmico, pois o silêncio e a falta de diálogo prevalecem.

3.1 Modos de Pensamento Narrativo e Científico

Os dois modos como os sujeitos cognitivos são programados para organizarem e gerar conhecimento são o pensamento **narrativo**, considerado dotado de representação do contexto, do cotidiano dos sujeitos, e o pensamento **científico**, definindo por ser bem estruturado a tratar de obrigações impostos pela a cultura, segue a linearidade, desprezando o contexto social.

Os jovens adentram no ambiente educacional (creche, escola e universidade) com conhecimento advindo da cultura narrativa. É nesta perspectiva que o pensamento narrativo revoluciona o modo de ser da juventude contemporânea, possibilitando ao educador inovar na sala de aula, tornando o ambiente educativo superestimulante, a cirbercultura nos oferece essa inovação com os ambientes *on-line*. É necessário urgentemente que a universidade/escola, seja um lugar que os alunos/discentes tenham prazer de estar para aprenderem, caso contrário a instituição educativa continuará sendo um espaço sombrio, distanciando da realidade narrativa do aluno, porém para que isso aconteça é imprescindível a mobilização dos modos de pensamento denominado por: Bruner (2001):

[...] São dois o modos genéricos como os seres humanos organizam e gerem o seu conhecimento do mundo, e até estruturam a sua experiência imediata. Um parece mais especializado para tratar de coisas “físicas”, e o outro para tratar das pessoas e suas obrigações. A este se chamam convencionalmente, o pensamento lógico científico e o pensamento narrativo(BRUNER,2001,p.65)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Os dois modos de pensamento impactam no processo do ensino/aprendizagem, o narrativo e o científico. O pensamento narrativo centraliza a realidade vivenciada pelo sujeito narrativo, contribui para que através da experiência adquirida no contexto social situacional, o sujeito tenha a ação para solucionar situações, diante dos fatos cotidianamente difíceis, assim são narradas pelos sujeitos narrativos.

Os exemplos 1, 2 são de graduandos de Geografia escrevendo sobre a mobilização dos modos de pensamento narrativo e científico, a mudança da mente analógica para a digital, facilitando a vida do indivíduo nas experiências narrativas da realidade do presente.

Exemplo: Graduando de Geografia 1/Pensamento narrativo

Minha vó que tem diabetes, constantemente nos finais de semana ela passa mal, pois a pressão baixa, eu era um sujeito (a) apenas cartesiano, que não percebia outras possibilidades para solucionar o problema, pois não analisava de que forma eu poderia ajudar na situação presente, mas há algum tempo, lembrei que a professora Cida, disse : o conhecimento existe para facilitar a vida do indivíduo, então, pesquisei quais os chás, sucos e alimentos, que eram adequado para minha vó tomar e controlar a pressão, para o meu espanto e infelicidade, eu medicava minha vó com chás, sucos e alimentos inadequados, pois ao passar mal eu colocava sal de baixo da língua, além de priorizar sucos de maracujá, chá preto, a mangaba, beterraba, mas percebi que medicava minha vó com alimentos e sucos apropriados para medicar o sujeito que tem alta pressão, e não baixa, pois o sal não aumenta a pressão de imediato, e sim suco de laranja, então, após a pesquisa da internet comecei a medicar de forma correta, chá de alecrim, suco de laranja, e não coloco mais o sal em baixo da língua dela, quando a mesma passa mal, então, eu utilizei da tecnologia *mobile* para uma ocasião necessária, e para contribuir em aspecto positivo, **então, foi a encantadora descoberta, que tem horas que a vida exige que eu seja um sujeito narrativo, mobilizando o pensamento narrativo no momento situacional do contexto vivido**, assim acredito que foi uma **translação de mente analógica para uma mente digital** (G1, 06,2016).

No exemplo 1, o sujeito ao narrar seu episódio vivenciado no momento situacional, o mesmo percebe que tem momentos na situação de vida, que exige a mobilização do modo de pensamento narrativo, contribuindo para desprender da mente analógica para uma mente digital, pelo fato de usar os instrumentos que a cultura oferece para sair de uma situação difícil.

Desse modo, para o autor é importante salientar que antes da ação presente era um sujeito com modos de agir e raciocinar diferente, mas houve uma mudança, analisa-se na fala: eu era apenas um sujeito cartesiano, que tem horas que a vida exige que eu seja um sujeito



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

narrativo, mobilizando o pensamento narrativo no momento situacional do contexto vivido, translação de mente analógica para uma mente digital.

Bianchetti (2001) nos ressalta que a migração de uma mente analógica para a digital, é de um raciocínio frio, calculista, provoca mudança radical, exigindo novas habilidades dos sujeitos. Outro modo da mente interpretar a realidade, é o centro da ideologia profetizada pelo modo científico, despreza o contexto situacional social, a importância de acordos escritos e normatizados a linearidade.

Exemplo: Graduando de Geografia 2/Pensamento científico

Ao meu notebook ter um problema, passei a entregar trabalho impreso ao professor, assim usei do modo do pensamento científico, sendo um sujeito cartesiano, pois, utilizei dos instrumentos da cultura de eras passadas. (G2, 06, 2016).

No exemplo 2 o sujeito da fala, expressa através da escrita, que ao mobilizar outros modos de agir, influencia para ser um sujeito cartesiano, sendo assim **usei dos modos do pensamento científico**.

É importante salientar que o sujeito em determinadas ocasiões mobiliza o pensamento narrativo, e em outras o pensamento científico, o que diferenciará é a ocasião situacional do mesmo, que definirá quais os modos apropriados para agir e transformar a situação presente. Mas há outra lacuna inserida na docência universitária, o sistema educacional tem formado cidadãos que superam as dificuldades dentro da instituição formativa, porém ao jovem sair do ambiente escolar, e transitar no espaço social, não conseguem superar as diversidades sociais, e as exigências das empresas. Pois, ao jovem se candidatar para uma vaga de trabalho, é desclassificado por não conseguir ter um currículo que mobilize na prática os seus conhecimentos, principalmente em aspecto de dominar a tecnologia digital, exigida perante o sistema empresarial, então, as instituições formadoras não consegue formar cidadãos, que atendam as expectativas das funções no mundo do trabalho contemporâneo. É necessário reformular o diploma, adequando ao contexto social. Bianchetti concorda conosco ao afirmar (2001):

[...] Os diplomas já não bastam para diferenciar e hierarquizar os indivíduos que os detêm. Certamente, a escola permanece o lugar onde se constroem os saberes e o saber-fazer com referência a **corpus de conhecimentos relativamente estáveis**, construídos pelas disciplinas, e ela conserva o monopólio da distribuição dos diplomas, garantia de um certo domínio desses saberes e saber-fazer. Porém, para conservar seu valor social, os diplomas não constituem um título de valor imutável; **seus detentores**



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

devem mostrar que possuem efetivamente as capacidades para mobilizar seus conhecimentos em determinadas situações. A empresa surge, então, como um lugar privilegiado para validar essas propriedades denominadas competências, propriedades específicas valorizadas em uma atividade, mais eminentemente instáveis e provisórias, já que ligadas a contextos singulares. (ROPÉ e TANGUY, 1997, p. 205. *apud* BIANCHETTI, 2001, p. 204). (Grifo nosso)

3.2. A formação humana x formação conteudista

Desde os primórdios da história a educação é seletiva, ao passar eras e décadas, a seletividade continuou a existir, os alunos bons sentam na primeira fileira, os ruins que não querem “nada”, sentam no “fundão”, afinal, eles não sabem os conteúdos disciplinares, constantemente se escuta esses discursos, mas é necessário percebermos que todos tem capacidade intelectuais, porém, o que falta em determinadas ocasiões, é o incentivo por partes de alguns educadores para com seus alunos/discentes. Assim, a função da educação não é apenas transmitir conhecimento, mas fomentar a auto estima dos educandos, fazendo-os perceberem, que são importantes naquele contexto de sala de aula, além disso, é necessário possibilitarem espaços estimuladores para o processo de ensino/aprendizagem.

É nesta concepção que a escola da pedagogia tradicional idealizava aprender, a pedagogia nova, aprender a aprender, e a pedagogia tecnicista, aprender a fazer. Inquieta-me a refletir, qual dos métodos das escolas estamos sendo formados no período da era contemporânea na docência universitária? O ensino continua a reproduzir a cultura? O que mudou no ato de educar?

Se até mesmo a universidade – locus de produção do conhecimento -, nesta era de cultura, agenda e mentes digitais, mantém-se estática, com os métodos da escola tradicional, e resiste ferozmente em ajustar seus projetos e ações para um ambiente acadêmico que, de fato, represente o jovem acadêmico que nela está.

O ato de educar não prioriza aprender a aprender, continua, como desde sempre na contramão das necessidades dos estudantes, pois a importância é a quantidade de conteúdos depositados na mente dos discentes e não a qualidade de como transmitem os conteúdos disciplinares, não há preocupação se os mesmos estão aprendendo, a relação de professor e aluno é fria, alguns docentes não têm tempo na academia universitária para dialogar com os alunos, fora da sala de aula o ambiente é escasso, quase inexistente de trocas de saberes, pois, a predominância do argumento e do conhecimento é apenas do professor, cabendo, ou melhor,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sobrando para o aluno, apenas memorizar os conteúdos e transferi-los para as avaliações.

A contramão que a instituição escolar, da creche à universidade vive, não é de hoje, ou desse tempo digital, há décadas Freire (1996) dizia: “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a construção” (FREIRE, 1996, p.27).

O *modus operandi* por parte de alguns professores de avaliar o aluno de forma conteudista, com acúmulo excessivo de informação, resulta no fracasso escolar. Pois remetem à mera reprovação dos discentes diante da avaliação. Em contrapartida, quem os avalia se estão agindo e educando de forma correta?, Avaliam os alunos, mas não a si mesmos, causando sérias consequências para o desenvolvimento do aprendizado, pois a lacuna que se identifica é o modo de pensar e agir tradicional que torna o conhecimento linear, priorizando apenas o pensamento científico. Importante salientarmos que não desconsideramos o pensamento científico, mas o modo como é transmitido.

Então, a organização estrutural do ensino, corre o risco à alienação e estagnação, pois, ao não se adaptar as mudanças que a cultura oferece na era contemporânea, gera o fracasso no processo de ensino aprendizagem, principalmente porque a mudança é constante na sociedade moderna.

A cultura contemporânea no meio social disponibiliza subsídios acessíveis a qual quer hora e lugar para a construção do conhecimento, pois o professor nesta era está com outros meios comunicativos mediadores do conhecimento, como o computador e *smartphone*, então, a mediação dos conteúdos disciplinares, não é apenas por uma única via, ou seja, pelo docente, mas, o período contemporâneo possibilita que o mesmo, tire dúvidas dos seus alunos, mesmo não estando presente em sala de aula, porém esse método de ensino quando utilizados por educadores, em algumas instituições é analisado pelos coordenadores de cursos de departamentos, como a forma incorreta de ensinar. No entanto, os docentes que orientam seus alunos através da tecnologia, são mais presentes, do que o mero transmissor de conteúdo, que está presente todos os dias lecionando na academia universitária, mas na verdade são tradicionais e poucos são abertos a tirar dúvidas dos seus alunos. Além disso, evidencia outra lacuna, os discentes não conseguem se adaptarem a didática inovadora, pelo fato de estarem sendo formados em um ritual tradicionalmente hierarquizados, regidos por regras, conteúdos selecionados da disciplina, seguidos por etapas, então ao ser estimulado pelo educador para serem sujeitos ativos, na busca do conhecimento de forma autônoma, os mesmos não conseguem se adaptar à prática pedagógica revolucionária, defendem que é difícil ser um sujeito ativo, mas é preciso o aluno/discente se desprender da hierarquia inserido na docência universitária e urgentemente mobilizar as

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

tecnologias para o processo de ensino/aprendizagem.

Bruner (2001) destaca os princípios imprescindíveis para a prática educativa na contemporaneidade:

O **princípio da perspectiva**, o modo dos estudantes de compreender não apenas de um modo, mas com diferentes perspectivas, as múltiplas possibilidades de interpretações. A interação do indivíduo com cultura receberá influência institucional no modo como as pessoas interpretam o mundo.

O **princípio do constrangimento**, a produção de significados que são acessíveis aos seres humanos dentro de uma cultura de duas vertentes: o funcionamento mental humano, que ao longo do tempo direcionou formas de conhecimento, pensamento, sentimento e percepção, assim, a construção do si mesmo é influenciada pelo que acreditávamos no passado afetando no presente. O sistema simbólico é o outro constrangimento, que são acessíveis às mentes humanas, com limites impostos na natureza da linguagem.

O **princípio do construtivismo**, a produção do conhecimento na realidade social é o resultado dos significados que são transformados pelos instrumentos que a cultura oferece, possibilitando para agir e transformar a sociedade, estimulando aos indivíduos a serem sujeitos construtores arquitetando o ambiente social.

O **princípio da interação** fomenta a importância no ato de transmitir, ou melhor, mediar os conteúdos disciplinares, através da interação entre o professor e o aluno, ou até mesmo os instrumentos que a cultura disponibiliza, um agente que mediará: livros, computador, que responderá as inquietações do sujeito da aprendizagem, pois é evidente que todos esses aparatos auxilia o professor na mediação do conhecimento. Em contrapartida, há uma problemática no ensino, pois ao sistema priorizar a transmissão de conteúdos aos discentes, algo que dificilmente eles conseguem assimilar com o contexto narrativo vivido, dessa forma, os que estão sendo ensinados por esse *modus operandi* de ser e estar, não atende às reais necessidades dos sujeitos narrativos, isto porque o pensamento construído denominado de modo narrativo, tende a ser considerado pela escola como modo de pensamento inerente às pessoas não civilizadas, e, as atitudes dos professores, que vão ao encontro do princípio da instituição escolar, admite que a missão do professor é mobilizar apenas o modo científico do sujeito cartesiano.

Pelo fato da não chancela, do não reconhecimento deste modo de pensamento narrativo é que se julga ser necessário reformular práticas pedagógicas e atitudes dos professores e de todos os profissionais que atuam na escola, na universidade, com vistas a formar integralmente os estudantes,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

construindo junto com esses sujeitos em formação a autoconfiança, a elevação da auto estima, estimulando a criatividade e que a transmissão das informações ocorra não apenas pela voz do professor, mas por múltiplas formas e que sobretudo se estimule e se enfatize que o essencial não é o produto, a nota final, mas o processo, o que foi aprendido, e não o simples decorar a prova, propor uma reflexão crítica, que no contexto social há a presença do sujeito com pensamento narrativo, e o cartesiano definindo por pensamento científico.

O **princípio da exteriorização**, a construção dos saberes é arquivada na mente através do meio social externo, que contribui para a evolução do processo de aprendizagem, o que estar exposto externamente na cultura digital, influenciará no desenvolvimento intelectual do aprendente.

O **princípio do instrumentalismo**, a educação pode impactar de dois modos na vida do indivíduo, influenciar a instruir e indicar a direção do caminho a ser seguido, para tornar-se uma pessoa mais humana, e um profissional de sucesso, incluindo diferentes grupos para o espaço de aprendizagem, e reconhecer os talentos que estão inseridos dentro do sistema, pois alguns tem aptidão para aprenderem os assuntos da disciplina através do que mais tem facilidade, a música, teatro e poesia, assim, a capacidade de cada um são construídos através da socialização do meio que estar inserido.

O **princípio institucional**, as instituições das instâncias educativas, ao se adaptarem ao mundo têm possibilidades de resultar em problemas, o diferencial em relação às outras é que tem a responsabilidade de preparar os jovens para o mercado de trabalho e situá-lo no contexto social, porém a lacuna que se identifica é que há contradição das exigências que a sociedade impõe e a formação da docência universitária, que educa a geração contemporânea com os mesmos modos da geração de eras anteriores.

O modo de ensinar é necessário para integrá-lo à cultura dos sujeitos da aprendizagem, mas para isso acontecer, é imprescindível à docência universitária, perceber que é fundamental inovar no currículo, então não pode haver uma reprodução cultural, a sociedade exige para reinventar a mediação do conhecimento conforme o contexto, e não permanecer apenas com o mesmo método de ensino pedagógico.

O **princípio da identidade e da auto estima**, a educação tem como papel de formar não apenas sujeitos profissionalmente, mas humanamente, fazendo-os descobrirem e construir a própria identidade, conhecendo o si mesmos, mas para conhecer o aluno, é essencial o professor reconhecer a si mesmo, para que através da própria experiência, entenda e compreenda o mesmo.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O docente deve conhecer o aluno e suas fragilidades tanto no processo do ensino aprendizagem, como na sua vida pessoal, para que contribua para a mudança na vida do mesmo, ajudando a descobrir a identidade dentro da cultura que estão inseridos, e ajustando a cultura às necessidades de seus membros. Porém, o aluno tem que possibilitar a relação interativa de professor/aluno.

Para Bruner (2001), o papel da educação é estimular a auto estima dos alunos, pois quando o sistema educacional exclui o papel do fomento da auto estima dos alunos, causa falhas significativas para o aprendizado cognitivo dos discentes, porém, deve ser uma das suas funções principais.

É dessa forma, que os alunos/universitários não são os mesmos, os modos de aprender/ensinar com métodos tradicionais não cabe na cultura da sociedade moderna, que disponibiliza instrumentos auxiliares para a produção do conhecimento.

4. CONCLUSÃO

Diante desse estudo, através de cada aula de diálogo socializado, a disciplina de Psicologia da educação, nos proporcionou como futuros professores de Geografia, alternativas para tornar a mediação do conhecimento mais estimuladora para o aluno, e não apenas conteudista.

A didática da professora impactou-nos a refletirmos que a produção e a mediação do conhecimento da era contemporânea mudaram e a prática pedagógica do docente deve se adaptar às mudanças da cultura, para que proporcione aos alunos um ensino/aprendizagem qualitativo, e não somente quantitativo.

O *modus operandi* da educadora, proporcionou-me a ser um sujeito autoral do conhecimento, e não tão somente reprodutor, influenciando a ser um futuro educador que anseia em contribuir na formação não apenas profissionalmente, mas, humanamente, um ser ativo que descobre a própria identidade, e auxilia o aluno na descoberta de si próprio.

O sistema educacional está com uma difícil missão a cumprir, formar cidadãos aptos a atender o que a sociedade anseia, pois os universitários/alunos saem com um diploma totalmente inadequado para as exigências no setor de serviços. Há uma quantidade de informação, mas a prática da mobilização do conhecimento é inexistente.

É necessária a reformulação no sistema educacional da didática do professor, caso isso não ocorra, continuaremos a formar sujeitos que reproduzem o conhecimento, passivos e carentes de sua própria identidade.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

REFERÊNCIAS

BRUNER. J. **Cultura da educação**. Lisboa: Casagraf Artes Gráficas, 2001.

BIANCHETTI, L. **Da chave de fenda ao laptop**. Petrópolis/Florianópolis: Vozes/EDUFSC. 2001, 254 p. Disponível em: <<http://www.estantevirtual.com.br/brlucidio-bianchetti/da-chave-de-fenda-ao-laptop/1229042584>>. Acesso em 17.mar.2016.

FREIRE.P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURTADO, O. TEXEIRA. T. L. M. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. Editora Saraiva, 1999.

SENNA, G. A. L.; ARAÚJO, C. L.; SOARES, A; RIBEIRO, P.J; MARTINS, R. R. **O Leitor, o Professor e o Pensamento Narrativo**. In: I Seminário Internacional de Educação, 2001, Cianorte- Paraná- Brasil. Anais eletrônicos. Cianorte Paraná-Brasil, 2001. Disponível em: <http://www.senna.pro.br/biblioteca/professorleitor_new.pdf >. Acesso em: 15.mar.2016.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ed. São Paulo: Atlas, 2010.

OLIVEIRA, M. F. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisa em administração**. Catalão: UFG, 2011.